

29/03/2019 - 05:00

Para José Eli da Veiga, é necessário alterar caminho para evitar desastre no meio ambiente

Por **Diego Viana**

A falta do sentido de urgência é um grande obstáculo à atuação contra a mudança climática, diz o economista José Eli da Veiga, professor sênior do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE-USP). Mas há sinais de que as sociedades estão começando a pressionar por mudanças de atitude. As greves de estudantes na Inglaterra e na Austrália, o discurso da jovem Greta Thunberg em Davos e as repercussões da proposta de Green New Deal nos EUA colocam a adaptação à transformação do clima no centro da pauta.

Em "O Antropoceno e a Ciência do Sistema Terra" (Editora 34, 152 págs., R\$ 43), Veiga analisa os desafios científicos impostos pela crise do clima, da definição geológica do Antropoceno até a "ciência do Sistema Terra", passando pelo "pensamento complexo" proposto por Edgar Morin. O economista explora os desafios de síntese entre as ciências da natureza e as humanidades, chegando à perspectiva de transformação profunda do pensamento econômico.

Entre as posições de extremo pessimismo e extremo otimismo de muitos cientistas, Veiga sugere adotar o princípio do filósofo Jean-Pierre Dupuy: o "catastrofismo esclarecido", que consiste em considerar que o caminho atual leva ao desastre, mesmo sem certeza, e agir para evitá-lo.

Valor: *O senhor escreve "quantos alertas ainda terão de vir do planeta até que sejam ouvidos" e pergunta se dará tempo de ouvir. O sentido de urgência está faltando?*

José Eli da Veiga: Essa é a questão. Não temos noção de quão iminente é o perigo. Não só no aquecimento global, que é lento para nossos padrões. Um de seus efeitos principais é a subida do nível do mar. Mas, na vida útil de uma pessoa, o mar sobe só alguns centímetros. Quando alguém pensa nisso, se não considerar as gerações futuras, pode calcular: na minha vida, vai mudar pouco, então não me importo. Outro efeito é o aumento da frequência de calamidades naturais. Os cientistas avisaram que ia acontecer e as seguradoras demoraram a levar a sério. Hoje, monitoram de perto.



José Eli da Veiga, professor da USP, lança "O Antropoceno e a Ciência do Sistema Terra": "Não temos noção de quão iminente é o perigo. Não só no aquecimento global"

Por que a Sustentabilidade é Turquesa?: Jose Eli da Veiga ...



Valor: *Isso gera uma mobilização eficaz?*

Veiga: Quando converso com empresas, tanto no CEBDS [Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável] quanto no WWF [World Wide Fund for Nature], que têm os empresários mais empenhados em fazer algo, mesmo eles não têm sentido de urgência. Parece que criamos o hábito de pensar que é normal. Quem estuda o assunto conclui que é urgente. Mas houve uma convenção do clima em 1992, depois o Protocolo de Kyoto, aquela porcaria, e só em 2015 se conseguiu um começo de conversa.

Valor: *A precificação do carbono é eficaz?*

Veiga: Como princípio geral, está bem assentado que as emissões de carbono têm de ser precificadas. Mas como? O que tem crescido é a precificação via taxas. No Canadá, há taxas de carbono e, ao mesmo tempo, o imposto de renda das empresas é aliviado, para deixar o custo neutro. Uma taxa de carbono interessante que surgiu recentemente é a do Chile. No Brasil, as empresas mais avançadas na sustentabilidade não querem discutir fiscalidade. Mas quando vier a pauta da reforma tributária, o ideal seria aproveitar a oportunidade para taxar o carbono e aliviar o imposto de renda.

Valor: *Há uma ironia no modo como alguns cientistas consideram o Antropoceno: a época causada pelo "anthropos", da qual ele mesmo pode estar excluído.*

Veiga: De um lado, tem pessoas que consideram o colapso inevitável. Nos EUA, isso está criando um comportamento social, com gente que estoca comida. No polo oposto existem aqueles que veem uma oportunidade para mudar radicalmente o comportamento humano. É o caso do Breakthrough Institute, de Ted Nordhaus e outros. Eles trabalham com a ideia da desmaterialização da economia. Todos temos uma ciclotimia, momentos de otimismo e de pessimismo, mas não tem só essas duas posições. Predomina entre os cientistas algo intermediário. Se entendermos quais são as chamadas "fronteiras planetárias", talvez possamos geri-las. Um exemplo está nas grandes convenções do clima e da biodiversidade. O caso do ozônio foi muito mais exitoso, por razões que, infelizmente, não são levadas em consideração.

Valor: *Que razões?*

Veiga: Só os países que de fato produziam CFC, e eram poucos, passaram anos discutindo um acordo que levaria ao controle dessa substância. Demorou para chegarem a um acordo, mas quando chegaram era flexível e eficaz. E como não agregou todo mundo, não incorporou o conflito Norte-Sul. Nas convenções do clima e da biodiversidade, em que se quis que todos assinassem ao mesmo tempo, as discrepâncias entre países ricos e pobres são gritantes.

Valor: *Até que ponto personagens como Trump são uma ameaça aos acordos do clima?*

Veiga: Mesmo que, com Trump, os EUA não cumpram sua parte, tem os demais países. Aliás, embora Trump tenha ameaçado sair do acordo, não pôde. E em todas as reuniões, os EUA estão presentes com uma delegação enorme. Trump não está fazendo nada que favoreça o cumprimento da meta americana, mas são tantas as prefeituras e Estados engajados que, ainda assim, é capaz que cumpram.

Valor: *Quando pensamos "o que vai ser necessário para se adaptar?", é se adaptar a quê? Um grau, dois graus, mais ainda? São situações diferentes.*

Veiga: Há uma incógnita na questão do metano. Se o "permafrost" [pergelissolo, solo encontrado na região do Ártico] for rompido, a quantidade de metano que vai emitir é tremenda. E o metano é muitas vezes pior que o dióxido de carbono. Estamos lidando com a incerteza. Não somos capazes nem de medir o risco. Para Dupuy, que estudou principalmente a questão nuclear, temos que agir como se o cenário fosse de catástrofe, para termos essa precaução. É o que ele chama de "catastrofismo esclarecido".

Valor: *Assumindo essa postura, o grau de mudança nos modos de vida não é algo que está além do nosso horizonte de pensamento?*

Veiga: Estou convencido de que sim, e por isso acho que ideias como o decrescimento são ilusórias. Enxergo o processo como evolucionário, avançando por resolução de contradições. Mas nos modos de vida predomina a inércia: não se transformam padrões de produção e consumo em pouco tempo ou porque alguém deseja. O grau de pressões que tem que ocorrer na sociedade é muito grande. Mas quando olho para trás, vejo que as coisas já mudaram e estão mudando.

Valor: *Alguns autores que o senhor discute sugerem que a noção de crescimento está ultrapassada. O que entra em seu lugar?*

Veiga: Há um movimento forte de decrescimento, mas é um pouco ingênuo, como se crescer ou não fosse uma decisão subjetiva da sociedade. Trabalham com a ideia de que, quando o colapso estiver próximo, vai ser preciso tomar decisões drásticas e, então, entra em ação o decrescimento. Mas há outras ideias, como no livro de Tim Jackson "Prosperidade Sem Crescimento", mostrando que sociedades muito avançadas não precisam se concentrar no problema da pobreza, mas sim na desigualdade. Kate Raworth defende que se abandone o PIB, passando a medir a economia de outra forma. A obsessão pelo PIB, que só mede transações de mercado, leva à ênfase no crescimento.